

“Bicha preta favelada”: os marcadores interseccionais na construção da identidade psicossocial¹

Maria Ignez Costa Moreira²
Breno Stefano Martins Figueredo³

Resumo: Este artigo traz como objetivo central discutir, no campo da Psicologia Social Crítica, o processo de construção identitária da ‘bicha preta favelada’ e como essas se movimentam para se reconhecerem e se manterem vivas frente ao sistema interseccional de opressão. Como embasamento teórico para essa discussão, utilizou-se o conceito de identidade proposto por Antônio da Costa Ciampa (1986, 1996), e a perspectiva da interseccionalidade como categoria de análise do objeto de pesquisa. Além da pesquisa bibliográfica, fez-se necessária a coleta de relatos de duas bichas pretas, e não necessariamente faveladas, estudantes de Psicologia em uma universidade privada. Identificou-se com nomes fictícios as pessoas Vittar e Groove, para garantia de confidencialidade. Com o relato das bichas pretas, fica explícito a urgência de se abordar a interseccionalidade na construção identitária e as estratégias utilizadas/criadas por esses corpos como sobrevivência e resistência às opressões e à invisibilidade.

Palavras-chave: Identidade. Psicologia Social. Interseccionalidade. Marcadores Sociais. Diversidade Sexual e de Gênero.

¹ Trabalho de Conclusão de curso apresentado à Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel em Psicologia pelo autor.

² Pós doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora na Faculdade de Psicologia/Programa de Pós-graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: maigcomo@uol.com.br

³ Psicólogo clínico e social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Terapeuta do esquema e de casais. Membro da Comissão de Orientação em Psicologia, Gênero e Diversidade Sexual do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais e membro da Comissão de Orientação em Psicologia e Relações Étnico Raciais do Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais. E-mail: brenomartinspsi@gmail.com

O cenário no qual ocorre o processo de construção identitária, que atravessa a formação da subjetividade, é marcado pela cultura, ou seja, uma estrutura social em que o sujeito se encontra inserido. Existem corpos que são compostos por marcadores que os permitem vivenciar morte-ainda-que-viva, vida e morte. Existem corpos que são marcados pelo aniquilamento subjetivo e/ou fisiológico.

Nos constituímos em um processo de construção histórica, marcados pela relação dialética com o mundo, no qual nossa identidade emerge a partir dos vários personagens que assumimos, bem como, seus significados que nos são entrelaçados, sendo a partir do reconhecimento que essas identidades se mantêm estruturadas.

A compreensão dos marcadores que perpassam os corpos, esses marcadores interseccionais que compõem a nossa identidade e a importância de se fazer verbo-ação, de fato, contribui para superar choques interseccionais que nos colocam em lugares de subalternidade. Os cenários exigem de nós, pessoas marginalizadas, movimentações para encontrarmos vidas frente às interseções das ‘avenidas de opressões’.

Em um contexto macro, observa-se que na medida que vamos nos inserindo nos espaços sociais, se faz necessário ir e vir, para que, assim, possamos compreender como vamos nos inserir nos lugares onde somos minorias. Nesse sentido, aponto alguns caminhos nos quais bichas pretas faveladas possam identificar estratégias de fortalecimento e de construção da sua identidade de forma menos negativa e invisibilizada, com vistas a diminuir ou superar os cruzamentos das opressões.

Para sanar tais questionamentos, fez-se necessário recordar a História. No caso, se não fossem as pessoas marginalizadas que vieram antes e as contemporâneas a nós e que se propuseram a modificar a história do Brasil, provavelmente este artigo não estaria sendo publicado. Essa conquista reflete o legado construído pelo movimento negro, pelo movimento de Lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais, travestis, intersexuais e mais (LGBTI+) e por movimentos diversos de libertação na história. Reflete a resistência dos corpos que foram possibilitando aos corpos marginalizados continuarem

ocupando esses lugares de produção intelectual: “Convido vocês a refletir não apenas sobre seu próprio tempo e seus esforços, mas também sobre a luta de seus antepassados, que tornaram possível que vocês estudassem nesta universidade.” (DAVIS, 2017, p. 155).

Foram as passeatas, articulações, tensões, protestos, posicionamentos, perdas de subjetividades, identidades, histórias, sobretudo, de vida, que abriram o caminho para este momento de triunfo: “Ao colher o fruto de lutas do passado, vocês devem espalhar a semente de batalhas futuras.” (DAVIS, 2017, p. 151). Hoje, embora estejamos longe de alcançar nossa meta de eliminar a LGBTI+fobia, o preconceito de territorialidade/classe e o racismo que perpassa diariamente os nossos corpos, e que nos atravessam também nos espaços institucionais, é um momento de comemorar mais uma vitória de um corpo preto *gay* favelado.

Entretanto, a educação sozinha não será a cura desses sintomas aos quais sofremos como resultado da epidemia de discriminação e de preconceitos que afetam nossas subjetividades e identidades. Nossos corpos pretos, LGBTI+ e favelados, ao superar etapas da vida, superam, sobretudo, as estatísticas⁴.

Esse artigo é derivado do trabalho de conclusão de curso de graduação em psicologia que foi desenvolvido a partir dos seguintes objetivos: analisar como o acesso ao curso de graduação em Psicologia incide sobre o processo de construção identitária dos homens negros gays favelados; discutir o conceito de construção identitária; avaliar como a passagem pelo curso de psicologia afeta/afetou a vida dos universitários negros gays periféricos e, preferencialmente favelados.

Para sua construção, o texto foi organizado em três seções: a primeira seção traz o conceito da construção identitária na perspectiva da Psicologia Social crítica,

⁴ Dossiê 2020 publicado pelo Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil. Disponível: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2020/> Acesso em 11 de novembro de 2021.

considerando também os marcadores interseccionais de raça-cor, gênero/diversidade sexual e territorialidade/classe. Na segunda seção considera a interseccionalidade como instrumento de análise no processo de construção identitária da bicha preta favelada. Já na terceira seção fomenta a análise dos significados atribuídos pelas bichas pretas faveladas à construção identitária a partir dos marcadores de raça-cor, gênero/diversidade sexual e territorialidade/classe em suas formações enquanto sujeitos, como também, os efeitos do lugar interseccional em suas vivências.

Conceito de identidade na perspectiva da Psicologia Social crítica

Inicia-se na década de 1970 no campo da Psicologia Social do Brasil uma articulação, fomentada por Silvia Lane, norteadora pela postura materialista, histórica e dialética que compreende o ser humano enquanto produto e produtor da história. Temos então a formação do que chamamos de Psicologia Social Crítica. Orientado por Lane, Antônio da Costa Ciampa descreveu em sua tese - que posteriormente tornou-se livro, intitulado como *A estória do Severino e A história da Severina: um ensaio de Psicologia Social* -, uma nova perspectiva acerca do processo de construção identitária, bem como, tornou a Psicologia Social Crítica uma eterna metamorfose.

Na mesma linha, Ciampa publicou em 1984 e 1987⁵ dois trabalhos fundamentais nos quais apresenta a identidade como um processo relacional de construção que considera o sujeito humano como um ser social e ativo, ou seja, produzido historicamente, e dialeticamente produtor do seu contexto. Nesse sentido, identidade é uma construção constante, que se processa na interação social. Vamos nos construindo e lapidando a nossa identidade conforme nossas vivências. Contudo, nesta

⁵ As datas referem-se às primeiras edições dos livros *Psicologia Social: O Homem em Movimento* (1989), organizado por Silvia T.M Lane e Wanderley Codo, coletânea na qual encontra-se o capítulo *Identidade* e o livro *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social* (CIAMPA, 1996), editados pela Brasiliense. Essas publicações são marcos históricos da discussão do tema da identidade no campo da Psicologia Social brasileira.

perspectiva, a identidade é também uma questão política, justamente por considerar as articulações e os atravessamentos das dimensões subjetivas e coletivas.

A forma como a construção da identidade é percebida em nossa sociedade modifica-se no processo de interação entre os sujeitos no contexto sócio-histórico, pois é a partir das relações sociais que se constrói uma identidade pessoal. Para a teórica em Psicologia Social, Bader Sawaia (1995), a “identidade esconde negociações de sentido, choque de interesses, processos de indiferenciação e hierarquização das distinções, configurando-se como estratégia sutil do processo de regulação e de emancipação social.” (SAWAIA, 1995, p. 21).

Inicialmente, quando respondemos “quem somos”, o nosso primeiro recurso é fornecer o nosso nome próprio, àquele que nos foi dado e com o qual nos identificamos. Pronto, recorremos a uma palavra que nomeia o nosso ser para indicar a nossa identidade. Tendemos a acreditar que, ao nos apresentar pelo nome, estamos apresentando a nossa identidade, o que nos leva a pensar, que identidade é um traço estático que define o nosso ser, como algo pronto e acabado (CIAMPA, 1996). O outro assinala quem você é; quem você deve ser e como os outros irão lhe reconhecer. Ao longo da vida, podemos nos apropriar desse nome ou não.

Apesar de usarmos um substantivo próprio, o nosso nome, em determinados casos, não é suficiente para que a nossa identidade seja reconhecida pelos outros. Podemos recorrer ao sobrenome ou aos nomes dos nossos pais, assim nos colocando em uma posição social, indicando que estamos localizados numa família determinada. Assim, definimo-nos também pelas relações sociais mais primárias (CIAMPA, 1996). O prenome assinala quem somos e nos diferencia dos nossos familiares, mas o sobrenome iguala-nos aos membros da nossa família, nesse sentido, a identidade é a articulação entre a diferença e a igualdade (CIAMPA, 1996). Nosso nome não é nossa identidade, mas sim, uma representação. Porém, podemos representar a nossa identidade de tantas outras formas, por exemplo, pela atividade que exercemos.

Na infância, apresentamo-nos ou somos reconhecidos pelas relações primárias, geralmente, familiares. Por exemplo, Breno, negro, *gay*, favelado, filho de Geraldo. Ao ser assinalado assim, sou colocado no lugar de filho. No entanto, se hoje estou somente filho, amanhã posso ‘estar pai’, todavia sem deixar de ‘estar filho’. Por mais que eu permaneça neste lugar - enquanto filho - na medida em que for me relacionando, vou assumindo novos predicativos ou posições, pelos quais sou reconhecido socialmente: negro, *gay*, favelado. Esses elementos nos indicam que a identidade é processo, não um atributo estático. Acontece que, em determinadas situações, assumimos a função homogeneizadora e que nos coloca em lugar de não nos distinguirmos dos demais. Na favela, por exemplo, existem outros Brenos, negros, *gays*, filhos de tantos outros Geraldos e, conseqüentemente, pertencentes ao mesmo lugar geográfico, à favela.

Ficar na reprodução de determinados personagens, como no caso dos Brenos, negros, *gays*, favelados, filhos de tantos outros Geraldos, é ocupar uma posição na qual nada distingue ou nada o singulariza o sujeito: nem seu nome, nem seus pais, nem sua raça-cor, nem o lugar que onde vive, nem a vida, nem a morte o individualizam. Nas palavras do autor: “sua identidade transcende sua individualidade.” (CIAMPA, 1996, p. 22).

Quando ficamos aprisionados – sem nos movimentar -, nos impossibilitamos de dizer quem somos. Falamos de uma identidade coletiva, compartilhadas com tantos outros Brenos, mas a individualidade, a singularidade, a identidade pessoal, permanece oculta. A superação desse aprisionamento acontece quando o sujeito “percebe que não deve permanecer como substantivo ou como adjetivo; precisa se fazer verbo, fazer-se ação.” (CIAMPA, 1996, p. 24). Se fazer verbo-ação em um país racista, homofóbico e classista é desempenhar o papel de migrante, em uma história, cuja invisibilidade nos cerca a todo momento. Migrar é movimentar-se para buscar vida, é buscar condensar a humanidade que nos é tirada diariamente, é reinventar maneiras de ser e estar no mundo, ou seja, de sentir-se e reconhecer-se enquanto humano. Ciampa (1996) relata

que essa mudança nos permite ser outro e, em alguns casos, encontrar vida. Encontrar vida depende diretamente do significado que atribuímos às experiências. Encontrar vida depende do olhar humanizado do outro.

Por mais que tenhamos uma história que coloca os nossos corpos — negros, LGBTI+ e favelados — no lugar de subalternidade, é possível, que nossos corpos encontrem vidas a partir das novas experiências. "É o sentido da atividade social que metamorfoseia o real e cada uma das pessoas." (CIAMPA, 1996, p. 34). Toda estrutura opressora que impede a vida, impede também o movimento permanente de construção identitária.

Por se tratar de identidade, é impossível encontrarmos vida sozinho. Encontramos vida nas relações com os pares e no pertencimento em grupos com valores semelhantes, pois assim, podemos supor, que cada indivíduo reconhece no outro um ser humano e é assim reconhecido por ele. "Ter uma identidade humana é ser identificado e identificar-se como humano!" (CIAMPA, 1996, p. 38).

A concepção de identidade, apresentada por Ciampa (1989, 1996), permite-nos compreender que não devemos reduzir uma pessoa aos estereótipos que lhes são atribuídos, pois não somos seres estáticos. A identidade é definida pelo autor como um processo relacional contínuo e não linear de construção, neste sentido podemos compreender que a pessoa apresenta uma totalidade que não se totaliza, pois está em permanente transformação.

Apresentar-se ao outro gera uma transformação. Esse movimento tem um sentido para o indivíduo, que é expresso por meio das suas personagens. Quando nos apresentamos estamos sempre à espera do reconhecimento dos nossos personagens. Ciampa (1996) relata que o desenvolvimento da identidade é embasado na sequência desses reconhecimentos e, quando isso não ocorre, ou é feito de forma desumana, tendemos a permanecer naquela personagem, pois foi impedida a concretização do sentido emancipatório da identidade.

Para pensarmos essa ideia, voltamos ao sentido apresentado sobre a pressuposição. É sempre esperado que o sujeito se apresente, comporte-se e seja de determinada maneira. Em nossa sociedade, espera-se que o homem ou mulher, assim nomeados pelas características biológicas externas, seja heterossexual, ou seja, guiados pela heterormatividade compulsória, que associa o sexo biológico à posição de gênero.

Ciampa (1989) nos fala que, quando se trata de algo positivamente valorizado — hétero, branco e classe média alta — a tendência é afirmar que estava embutido em nós ('sempre tive vocação para ser rico'); quando não é um atributo desejável, normalmente estava embutido nos outros ('sempre achei que ele tinha um jeito de bicha').

A marginalização de homens não heterossexuais e negros é marcada pela intersecção entre a homofobia e o racismo, que são produzidos nas relações sociais e que potencializam a subalternidade. Gonzalez traz alguns elementos sobre o racismo que possibilitam refletir sobre a naturalização da opressão:

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo, é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. Menor negro só pode ser pivete ou trombadinha (Gonzalez, 1979b), pois filho de peixe, peixinho é. Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados. (GONZALEZ, 1984, p. 225-226).

Assim como é esperado que o negro ocupe o lugar de miséria, é esperado que a população LGBTI+ e favelada ocupe outros lugares de subalternidade, e nunca de ascensão. Essa representação é interiorizada pelo indivíduo, de maneira que é incorporado na sua subjetividade social, como pertencente à etnia/raça, gênero/diversidade sexual e territorialidade/classe dominada. A tentativa de manter-se

nesse lugar gera a ideia de que identidade é atemporal, fixa, imutável e que todo sujeito negro, *gay*, favelado, ao nascer, ocupará a posição de inferioridade.

Quando introjetamos a posição da subalternidade, nos paralisamos frente à construção de novas identificações, o que impede o processo emancipatório. Conseqüentemente, caímos no processo de *mesmice*, que é reconhecido por Ciampa (1996) como um aprisionamento, ou seja, por mais que o sujeito não esteja no lugar de subalternidade, a representação da personagem subalterna persiste.

Para o processo de emancipação é fundamental que os sujeitos não se tornem prisioneiros do que estão sendo ou têm sido, não se fixem em seus papéis prescritos e possam elaborar as suas vivências, pois nada disso é estanque e nada pode ser tomado como verdade absoluta e imutável. Assumindo a identidade como metamorfose, somos seres capazes de ultrapassar os limites e refazermos histórias a partir das nossas potências. Esse processo de transformação do indivíduo é compreendido por Ciampa (1996) como “*mesmidade*”, palavra que condensa as ideias de transformação e de permanência.

Percepção da identidade nos contextos de intersecção de raça, gênero/diversidade sexual e territorialidade/classe

Conforme assinalado por Ciampa (1996), somos seres relacionais e, dessas relações, emergem nossa identidade. Assim sendo, o contexto histórico pode potencializar ou dificultar o desenvolvimento das possibilidades de humanização do indivíduo, como já exposto.

O racismo estrutural é um dos fatores que dificultam tal processo, pois cria lugares pressupostos que os corpos devam ocupar: brancos-dominantes e negros-subalternos. É pela ótica do binarismo que os lugares contrastivos e excludentes a serem ocupados por brancos e negros são designados. Pois o ser branco é identificado por

estereótipos positivos, ao passo que o ser negro com estereótipos negativos. “O negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano.” (FANON, 2008, p. 27). Essa lógica que segue presente nas relações sociais brasileiras foi construída no contexto histórico colonial e escravocrata. Para Silvio Almeida (2019), o racismo é sempre estrutural e é um dos elementos que integra a organização econômica e política da sociedade brasileira.

O conceito de raça sempre esteve ligado à ideia de estabelecer classificações, primeiro para plantas e animais e, posteriormente, para seres humanos (ALMEIDA, 2019). Assim como identidade, raça não é algo fixo ou estático, pois assume diferentes significados ao longo da História. Em ambos os casos, raça e identidade estão atreladas às circunstâncias históricas que são vivenciadas e utilizadas.

Na sombra da raça, há sempre conflito, poder e decisão. Trata-se, portanto, de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça está atrelada à constituição política e econômica das sociedades contemporâneas (ALMEIDA, 2019). As circunstâncias históricas advindas do período colonial fornecem um sentido específico à ideia de raça, colocando o homem europeu como homem universal, bem como, estabelecendo a normatividade classista e da heterossexualidade como ‘universal’.

Almeida (2019) destaca ainda que o projeto liberal-iluminista não tornava todos os homens e as mulheres iguais e, tampouco, considerava que todos fossem reconhecidos como seres humanos. O corpo negro tem a sua cor de pele como a marca do estigma, tomada como definidor de sua identidade, e desse modo não se considera a produção de sentido elaborada de modo singular para a condição da cor da pele por cada homem e cada mulher, pois a subjetivação é desconsiderada e este lugar já é dado.

Esse esquema histórico-social nos foi dado desde a época da escravização, marcado pela diáspora africana que colocou os negros nos lugares de subalternidade, as pessoas pobres à margem da sociedade e a heterossexualidade como hegemonia, colocando-nos, assim, no lugar de não humanos.

As ideias de comparação e de classificação nos apresenta a perversidade de acreditarmos que, frente à liberdade, todos nós seremos iguais, mas sabemos que, na realidade, a igualdade sempre nos fora negada — bichas pretas faveladas. Historicamente, os nossos corpos denunciam a falsa inclusão que a Lei Áurea, a hegemonia de classe e o mito da democracia racial fizeram-nos acreditar. Durante anos, pensávamos estar incluídos no âmbito social e que todos os indivíduos fossem reconhecidos como seres humanos.

Almeida (2019, p. 24) nos diz que a "história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas". Como afirma o autor a inferiorização do corpo negro foi a manobra utilizada pelo regime escravista para justificar a coisificação desses corpos e encobrir as intenções econômicas e políticas. Nesse sentido o corpo negro antes de tornar-se sujeito, tornar-se objeto.

O sistema de opressão cria-nos a falsa impressão de que identidade é algo fixo e imutável. Toda a marca depreciativa associada ao corpo negro, *gay*, favelado reforça o olhar de descrédito para sua identidade ou nossos personagens. O negro representa todos os negros: “[...] O lugar do negro é o seu grupo como um todo e do branco é o de sua individualidade. Um negro representa todos os negros. Um branco é a unidade representativa apenas de si mesmo.” (PIZA, 2014, p. 72).

Preconceito, estereótipos e estigmas podem colocar os sujeitos no processo da mesmice, ou seja, presos no personagem não humanizado. O que contrapõe a ideia de emancipação. Quando falamos em corpos marginalizados, subjetividades aniquiladas e/ou identidades estereotipadas, atribuída aos corpos negros, pessoas LGBTI+ e faveladas, estamos dizendo de algo histórico, estrutural e socialmente construído com intuito de colocar esses corpos a margem, ou seja, inferiorizá-las.

Na sociedade brasileira, a identidade da bicha preta favelada foi/é constituída na base da resistência, mesmo que exista minimamente a “aceitação”, sempre teremos atravessado em nossos corpos resquícios das opressões embasadas nas diferenças de

raça-cor, na posição de gênero distinta do estereótipo masculino, na diversidade sexual que rompe a heteronormatividade, no pertencimento de classe social, tais marcadores incidem diretamente em nosso processo de construção identitária.

No espectro dominante, o homem branco hétero de classe média alta apresenta marcadores que o coloca como superior. Em contrapartida, o negro, a bicha e o favelado são colocados no paradigma de inferioridade e de subalternidade. Ao negro, cabe-lhe a selvageria, a virilidade e o desmerecimento; à bicha, cabe-lhe a promiscuidade, a feminilidade e a dominação; ao favelado, os atributos de agressivo, mal vestido, pobre e mal encarado.

Essa construção social e histórica atravessa o processo de construção identitária dos indivíduos, sejam eles brancos ou negros, héteros ou bichas, favelados ou elitizados. É um eterno jogo de se diferenciar e se igualar constantemente em busca da aprovação do outro, ou seja, de tornar-se humano. Essa construção não é estanque, podendo ser modificada e reconstruída a partir dos olhares humanizados e acolhedores dos outros, assinalando assim, a potência dos nossos personagens que constituem a nossa identidade.

Ciampa (1996) mostra que o processo de construção de identidade pode ser compreendido como uma metamorfose, um movimento contínuo de transformação e permanência. Neste sentido, estar enquanto metamorfose nos permite ir e vir, pensar e criar, viver e deixar personagens, inventar, podendo potencializar-nos. Para viver o novo é preciso superar o velho, como Ciampa (1996) nos explica a metamorfose a partir da metáfora do casulo e da borboleta, é preciso deixar de ser o casulo para tornar-se a borboleta. Aos negros, bichas e favelados cabem a criação de novos personagens que nos possibilitem encontrar vida, encontrar potência para lidar com os diversos atravessamentos que nossos corpos vivenciam ao longo de nossas existências.

Movimentar-se e articular-se são maneiras de identificar novos personagens, olhares e pessoas que reforçam o processo de tornar-se sujeito. Um catalisador para esse

processo são os movimentos sociais que emergem para reivindicar direitos e movimentar a estrutura social a qual o sujeito está inserido. Tal movimentação pode possibilitar, ao corpo negro, LGBTI+ e favelado, encontrar pares que, ocasionalmente, poderão despertar o sentimento de pertencimento e a aprovação (humanização).

Ao nomearmos as opressões de raça-cor, territorialidade/classe e gênero/diversidade sexual, entendemos a importância de não hierarquizarmos opressões. Pensar na interseccionalidade na construção identitária é justamente quebrar com a cisão criada pelo sistema de opressão. Logo, é compreender como as bichas pretas faveladas estão se articulando para encontrar vidas nos processos de tornarem humanas.

Discutir interseccionalidade é pensar na “inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2019, p.19). Essa perspectiva permite-nos, ainda, observar a cisão das estruturas e a interação na composição identitária, pois as suas vivências não são pautadas somente em raça-cor, mas também no gênero/diversidade sexual e territorialidade/classe.

Kimberlé Crenshaw (2002) afirma que a interseccionalidade é o caminho que permite pensar desigualdades e sistemas de opressão. Segundo a autora,

a associação de sistemas múltiplos de subordinação tem sido descrita de vários modos: discriminação composta, cargas múltiplas, ou como dupla ou tripla discriminação interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Além disso, a autora acredita que a interseccionalidade considera como as ações e as políticas específicas são motoras para opressões que fluem ao longo dos marcadores, potencializando os aspectos de desempoderamento (CRENSHAW, 2002).

Nós, bichas pretas faveladas, que nos encontramos no cerne das opressões, somos afetados por diferentes tipos de discriminações.

A interseccionalidade é citada por Crenshaw (2002) como ruas e avenidas onde acontece a interconexão das formas de opressão. Cabe destacar que o racismo é distinto da LGBTI+fobia, que, por sua vez, é diferente da opressão por territorialidade/classe. Contudo, acontece que normalmente essas avenidas se sobrepõem ou se cruzam, criando interseções complexas nas quais dois ou mais eixos se entrecruzam.

Ao entendermos a classificação e a segregação como mecanismo de manutenção de poder, o compromisso social crítico possibilita identificarmos as ‘avenidas de opressão’ às quais estão submetidos os sujeitos marginalizados, desfazendo a ideia de liberdade e de igualdade para todos.

Atentarmo-nos às narrativas dominantes nos permite romper com o olhar colonizador que nos fora ensinado desde então e potencializa o processo de metamorfose, de se fazer verbo. Para que, assim, não fiquemos aprisionados aos personagens que nos colocam em lugares de morte-ainda-viva.

O nosso corpo se relaciona com alteridade e é constituído não somente por anatomia e/ou fenótipos, mas, sobretudo, de memórias e são por meio destas que podemos questionar o sistema de opressões ao qual somos submetidos, “mulheres negras na condição de outro, propuseram ação, pensamento e sensibilidade interpretativa contra a ordem patriarcal racista, capitalista” (AKOTINERE, 2019, p. 30). Quando assumimos o lugar do verbo, fazemo-nos ação, para que assim, possamos questionar a nós e ao sistema opressor. Por estarmos imersos na sociedade racista, machista, LGBTI+fóbica, classista, acabamos, em muitos casos, reproduzindo comportamentos advindos do sistema⁶.

⁶ Cabe destacar, que não é por se reconhecer enquanto bicha preta favelada que estamos imunes de sermos opressores, racistas, machistas, preconceituosos. Afinal, dentro do próprio movimento LGBTI+ as invisibilidades, os apagamentos e os preconceitos são reproduzidos. A exemplo, um homem *gay* poderá reproduzir comportamentos machistas com mulheres lésbicas.

Ao tomarmos conhecimento da perspectiva da interseccionalidade, podemos ter consciência dos processos e, conseqüentemente, diminuir os impactos na vida subjetiva e coletiva. Quando pensamos em interseccionalidade, podemos também refletir sobre formas de resistências e de reinventarmos nossos modos de ser, estar e agir. Nosso corpo é político e pode ser utilizado como meio de modificarmos a nossa história.

Ademais, Crenshaw nos chama atenção para não cairmos na tendência de olharmos para o sujeito como adição: bicha + favelada + negra, mas para as interseções conjuntamente, porque a perspectiva da interseccionalidade não é de soma, mas de atravessamentos. Não existe hierarquia de opressão (LORDE, 2012). Qualquer ataque contra a pessoa negra é uma questão *gay* e favelada, porque eu e milhares de homens negros somos parte da comunidade *gay* e favelada.

Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos na pesquisa monográfica foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o conceito de identidade, as relações de gênero e de raça-etnia. Além disso foram realizadas duas entrevistas com pessoas que se identificam como bichas pretas faveladas. A análise das entrevistas foi realizada a partir da perspectiva da interseccionalidade das dimensões de gênero, raça-etnia e classe social. As mútuas afetações de gênero, classe e raça-etnia, mesmo antes de nomeadas como interseccionalidade já eram consideradas por autoras tais como Verena Stolcke (1991); Lélia Gonzalez (1984); Angela Davis (1981); bell hooks (2019) entre outras que são revistas por Akotirene (2019). A perspectiva da interseccionalidade possibilita compreender que o atravessamento das desigualdades de gênero, raça-etnia e classe concorrem para a posição de subalternidade.

Foram entrevistados dois homens negros gays favelados, que passaram pela experiência de cursar psicologia em uma universidade privada como bolsistas Prouni. Foi utilizado o método de entrevista narrativa livre, que consiste em apresentar aos participantes perguntas abertas, que possibilitam ao entrevistados tecer suas próprias associações, memórias e expressar suas opiniões (JOVCHELOVITCH & BAUER 2002).

Entrevistas - Das vivências à construção identitária

A análise das entrevistas foi feita pela perspectiva interseccional, considerando a posição dos entrevistados é atravessada pelas categorias de raça, territorialidade/classe e gênero/diversidade sexual⁷.

Os participantes da pesquisa descreveram as suas experiências como estudantes de psicologia e narraram os sentidos e significados dessas experiências no processo de construção identitária. As narrativas revelam, aos poucos, a história de inserção e permanência no curso de psicologia, as descobertas, os enfrentamentos de preconceitos.

Nesse sentido, é fundamental, para a compreensão da problemática da construção identitária da bicha preta favelada, o conhecimento de como ela desenvolve sua identidade, principalmente em contextos sociais nos quais não se sentem pertencentes e reconhecidas. Por essa razão, as narrativas individuais revelam nas experiências singulares de subordinação interseccional seus efeitos na construção identitária.

O discurso da inserção de bichas nos espaços acadêmicos produção de conhecimento, é rapidamente absorvido pela perspectiva de gênero e diversidade sexual, sem que se discuta raça e territorialidade/classe e outras formas de subordinação que

⁷ Porém, compreendemos que, enquanto sujeitos em constante metamorfose, outras interseções aparecem e não podem ser desconsideradas, invisibilizadas ou aniquiladas, como etarismo e religiosidade/espiritualidade/religião.

também estão em análise. Por exemplo, nos espaços acadêmicos, vê-se o discurso de inserção de bichas ou de negras ou de favelados sem muitas vezes considerar a interseccionalidade que perpassam esses corpos:

Enquanto jovem, preto, *gay*, favelado e estudante do curso de Psicologia, eu precisei, *a priori*, me enquadrar em um padrão heteronormativo de ser para, assim, reconhecer o ambiente no qual eu faria parte e me sentir incluso (Vittar).

Interessante notar que o entrevistado percebe que para ser aceito ou reconhecido precisou se adequar à norma heteronormativa, ou seja, não se mostrar como *gay*. Além disso, pode-se perceber que em sua narrativa a sua condição de raça-etnia segue invisibilizada, o que nos leva a refletir que se em aspecto ele deveria se comportar como um homem heterossexual, ou um *gay* discreto, de outro deveria se apresentar como um homem preto, mas com hábitos brancos. Dito de outro modo, identificado com os dominantes brancos, heterossexuais, de classe média, habitantes dos bairros nobres da cidade.

Nós - bichas pretas faveladas - crescemos alienadas e negando a nossa própria existência, como forma de resistência, para sermos inseridos nos espaços, sobretudo, nos espaços de intelectualidade. Até conhecermos e nos apropriarmos desses espaços, um dos caminhos utilizados é sermos menos bichas, menos pretas, menos faveladas, para que os nossos corpos sejam aceitos ou sofram menos retaliações.

Voltarmos para os “armários” (SEDGWICK, 2007) — enquadrar-se nos padrões — costuma ser um dos primeiros passos para sermos aceitos. É perceptível, a partir da fala de Vittar, os atravessamentos interseccionais que marcam a sua identidade com traços que o excluem e os meios que ele utiliza para se sentir pertencente e inserido ao espaço, ou seja, os atravessamos de gênero, sexualidade, raça-etnia e classe, mostram a produção interseccional de subalternidade, mas ao mesmo tempo potencializam a resistência e a busca de estratégias para garantir a inclusão.

Ao assumir a sua identidade, a bicha preta favelada sente-se insegura nos diversos lugares que circula, justamente pelo medo da não aceitação social e da violência. Para além, criamos, em nosso imaginário, que os espaços como o curso de Psicologia serão mais acolhedores e diversos, uma vez que lida com as questões subjetivas e sociais:

O meu processo acadêmico foi algo que me causou várias reflexões sobre as questões no qual me identifico. Lembro do choque do primeiro período, em que entrei na sala de aula e a mesma era composta majoritariamente por garotas brancas. Isso me chocou pois destruiu minhas expectativas de que o curso de psicologia seria algo diverso, e com um número maior de pessoas LGBTI+. Enquanto pessoa negra, já sabia que não encontraria muitas pessoas semelhantes a mim naquele ambiente (Groove).

Groove, ao chegar no espaço acadêmico e perceber que não era maioria, e que não havia tantas pessoas iguais ou similares ao seu corpo, sentiu-se incomodada. Na sua fala, percebemos também, que foi a partir desse espaço que ela começou a se questionar e fazer reflexões sobre as novas relações que passa a estabelecer no ambiente universitário. Para enfrentar o desafio dessa complexidade identitária e de opressões, a interseccionalidade emerge como uma forma de considerar todos os marcadores que constituem a identidade, sem apagar a ação de cada uma delas em particular ou impor a um único marcador todo o peso da opressão.

Frequentemente os homens negros *gays* favelados estão posicionados em um espaço onde o racismo, a LGBTI+fobia e o preconceito de territorialidade/classe se encontram, uma vez que os nossos corpos não foram pensados para estarem inseridos nestes lugares: “O curso enquanto instituição não se mostrou em nenhum momento, até aqui, aberto a me incluir enquanto sujeito *gay*, preto e favelado, ao contrário, se mostrou bem elitista e padronizado (Vittar)”.

Nesse sentido, reinventar estratégias são importantes para nos sentirmos pertencentes ao local. Para isso, é preciso ser metamorfose para conseguirmos caminhar. Contudo, isso tem se tornado uma tarefa complexa, quando o fluxo vem

simultaneamente de várias direções de opressão. Nesse sentido, os corpos marginalizados buscam afirmar-se como sujeitos encontrando seu espaço e valor a partir do olhar humanizador do outro.

Por mais que estejamos em locais que reforcem as posições de subalternidade, existem possibilidades de nos reinventarmos constantemente. Para Vittar, as relações com outros estudantes foram potencializadoras nesse processo, conforme descrito: “Durante meu percurso eu tive a oportunidade de encontrar outros estudantes que me encorajaram e fortaleceram no meu processo de reconstrução enquanto corpo de resistência e luta (Vittar)”.

O olhar humanizado coloca-nos na posição de nos sentirmos humanos, para além, alimenta-nos também a sensação de pertencimento do espaço ao qual estamos inseridos: “A partir de então, passei a construir o meu espaço e me fazer presença nos ambientes de convívio do campus (Vittar)”.

Como Ciampa (1989) discute o processo de construção identitária é relacional, o olhar do outro é necessário para que possamos nos sentir reconhecidos como humanos, como pertencentes ao mesmo espaço.

Durante esse processo, e até hoje, me encontrei excluído, por várias vezes, nos discursos e ações de uma parcela dos discentes, e até mesmo, de alguns do corpo docente. É uma luta diária. Ser *gay*, preto e favelado, na universidade privada, não é fácil. As discriminações se somam enquanto pequenas tentativas de aniquilamento social, racial e de gênero (Vittar).

Por mais que o sentimento de inclusão esteja presente em outras falas de Vittar, é como se a sua existência estivesse no fio da navalha, ou seja, por mais que exista o sentimento de pertencimento, há também o sentimento de exclusão e de não pertencimento sempre presentes.

Ao longo do curso, fui e ainda sou marcado por questões introjetadas que me fazem sentir inferior, incapaz e não suficiente o bastante para ter um percurso pleno como a de um estudante branco ou cishetero que não necessita de se

empenhar e se desdobrar para conquistar algo. O empenhar da frase substituiu a palavra “esforçar”, o qual e veio a mente mas antes de digitar, resolvi trocar, lembrando de uma sessão de terapia no qual minha psicóloga me alertou sobre esta palavra sendo direcionada a pessoas negras como esforçadas, que fazem força, dando um sentido do trabalho braçal e árduo as produções e conquistas dessa população (Groove).

A partir da fala de Groove, podemos perceber que, por meio da psicoterapia, foi possível para ela perceber os estereótipos destinados às pessoas pretas: esforçados, fortes, corpos destinados à produção braçal e não intelectual. São esses significados que nos mantém presos na mesmice, pois vamos reproduzindo esses estereótipos ao longo de nossas vidas. Groove somente conseguiu sair da (re)produção do mesmo personagem quando se movimentou, quando se fez verbo, possibilitando repensar e dar novos significados às vivências dos corpos negros. Para além, é a partir da fala de Groove que percebemos como a lógica binária nos coloca em lugares de subalternidade, quando nos comparamos com os demais à nossa volta, tendo como parâmetro o polo dominante (hétero x homo; branco x preto).

No caso, Grove compara-se às pessoas brancas que não precisam se empenhar tanto para conquistar algo. Quando pensamos nessa perspectiva, tendemos a nos manter dentro de um personagem que nos gera adoecimento, pois nos colocamos em um lugar de inferioridade e que potencializa o sentimento de incapacidade.

A bicha, preta, favelada para entrar e permanecer nos espaços acadêmicos desenvolve uma resistência constante, pois ceder às opressões diárias, cristaliza a posição subalterna. Estar imerso em um curso acadêmico que não foi pensado para os nossos corpos afeta diretamente o nosso processo de construção identitária:

Dessa forma, o meu percurso acadêmico é marcado por inúmeras situações que contribuíram e ainda há de contribuírem para o meu processo de subjetivação. Seja marcando a questão racial que é muito intensa pra qualquer pessoa não-branca na universidade, como a questão da sexualidade, em que muitas vezes não se fala e proíbe-se de falar por conta do contexto da universidade (Groove).

O processo de vir a ser humano – metamorfose - que Vittar e Groove encontraram foi se dando a partir da transformação do real e das condições de existência, fazendo emergir o sujeito humano, como também, construindo o seu espaço. Na medida em que elas vão vivenciando os seus processos, permitem-se um constante vir a ser, ser e estar, por meio do processo de transformação pessoal, social e política. Consideramos, portanto, que identidade é construída a partir das relações que o sujeito estabelece consigo mesmo, com o outro e com o contexto no qual se inclui (FOUCAULT, 1979).

Levando em conta que as relações entre nós, seres humanos, inclusive de ordem intersubjetiva, são e estão perpassadas, pelo que Foucault (1979) chamou de relações de poder e manutenção de interesses, pode-se compreender o contexto das relações raciais, de territorialidade/classe e diversidade sexual, em que se observa uma efetiva interseção acerca das desigualdades entre a população negra, homossexual e favelada e a população dominante — branca, hétero e elitista.

As interseções de opressões vivenciados por nós, bichas pretas faveladas, faz com que estejamos em constantes conflitos em relação as nossas identidades, além de, muitas vezes, permanecemos alienados diante dos determinantes históricos que nos colocam nos lugares de subalternidade. A negação do racismo estrutural, das práticas homofóbicas, por exemplo, muitas vezes levam essas pessoas a se sentirem culpadas, envergonhadas e a ficarem expostas às situações de humilhação, o que contribui para e descrédito de seus potenciais intelectuais, da importância de suas vidas.

Entretanto, a bicha preta favelada pode iniciar um movimento de transformação quando pode reconhecer e enfrentar as opressões passando por experiências importantes de inclusão, fazendo valer os seus direitos à educação, à cultura, à arte, ou seja, ampliando contatos que humanizam a elas próprias e aos outros/outras diversos com os quais pode se relacionar. Um dos entrevistados ressalta a

importância da psicoterapia como um dispositivo que contribui para compreensão de si mesmo como humana para, a construção de um posicionamento crítico e consciente acerca dos seus processos pessoais e sociais, como pontuado por Groove:

Parafrazeando *A vida é um desafio* do Racionais Mc's: “Desde cedo a mãe da gente fala assim: filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor”. Comecei a me analisar e perceber o quanto essa frase cabia e ainda cabe em mim, me marcando sempre, dizendo que tenho que me esforçar, no sentido pejorativo mesmo da palavra, ter que suar, trabalhar e estudar para conseguir estar em pelo menos um lugar mais aceitável nessa sociedade em que as minorias não têm vez. Entretanto, o processo de terapia iniciado durante a graduação tem me auxiliado nessa travessia, e já não quero ser duas vezes melhor, quero fazer meu percurso de forma plena, me entendendo enquanto humano, e que já não quer mais negociar minha subjetividade e meu percurso para uma sociedade racista, LGBTfóbica e capitalista (Groove).

A partir da fala de Groove, é importante destacar que nós, bichas pretas faveladas, precisamos assumir a direção e sermos atores das nossas histórias. Quando conseguimos fazê-lo, vamos compreendendo quais são os lugares que queremos chegar, quais estratégias utilizaremos e, sobretudo, caminhamos no nosso tempo. Quando assumimos os nossos personagens, assumimos também, o humano que existe em nós.

Considerações Finais

O presente artigo é derivado da pesquisa monográfica que buscou escutar e compreender as experiências de bichas, pretas, faveladas estudantes de psicologia em uma universidade privada. Buscou-se compreender por meio da perspectiva da interseccionalidade dos marcadores gênero, sexualidade, classe, território de pertencimento, as implicações da formação em psicologia no processo de construção identitária dessas pessoas. Buscou-se na Psicologia Social o conceito de identidade que é compreendida como um processo de construção contínuo e não linear. Neste sentido, as narrativas dos dois participantes da pesquisa mostram os processos de transformação

vividos de si mesmos, bem como do próprio contexto de vida e das relações sociais estabelecidas por eles.

Com certeza, movimenteimei-me junto a essa escrita e às vivências com os meus pares no universo acadêmico. Felizmente, encontrei olhares humanizadores que, por meio do processo de metamorfose, possibilitaram-me reconstruir e encontrar novos personagens que me geram vidas.

Uma característica em comum aos corpos *gays* negros favelados é plasticidade para avançar e recuar na construção de nossa identidade pois, por mais que encontremos pessoas que nos fortaleçam, sempre haverá uma parcela que reforça os estereótipos e estigmas que atravessam os nossos corpos. Precisamos também nos atentarmos aos significados que vamos construindo ao longo da história, como palavras, estereótipos e as relações familiares, sociais, comunitárias

Em ambos os relatos, fica explícito que, para diminuir a despotencialização das opressões, Vittar e Groove aproximaram-se de pessoas que os encorajaram e fortaleceram para a (re)construção enquanto sujeitos de resistências, lutas e afetos. Quando há o sentimento do olhar humanizado, acabamos nos sentindo pertencentes àquele espaço. Contudo, é na alteridade que vamos construindo o nosso ser, como também demarcando os lugares nos quais os nossos corpos podem e devem circular. Faz-se necessário destacar, que, por mais que exista o sentimento de inclusão, não se apaga o sentimento de exclusão na trajetória da formação universitária.

Ao compreendermos os nossos personagens, damos lugar ao processo de metamorfose, o que nos retira do lugar da mesmice. Essa é uma alternativa para identificarmos o tempo que vamos disponibilizar para percorrer cada trajeto. Para Groove, a possibilidade de ser duas vezes melhor já não existe mais - característica vivenciada por nossos corpos bichas pretas faveladas. Ela opta por não negociar mais a sua subjetividade e por realizar o seu percurso de forma consciente, colocando-a, assim, no lugar de humano.

Com a devida atenção aos processos identitários desses corpos, percebemos, sob a perspectiva da interseccionalidade e da psicologia social, uma saída para superar preconceitos, discriminação e opressões, possibilitando assim, encontrar potências para o processo de construção identitária. Sabe-se das inúmeras dificuldades pelas quais nossos corpos passam, que são desafios diários e, muitas vezes, não conseguimos identificar caminhos para superarmos as opressões. Ambas as perspectivas podem contribuir para a superação desta problemática, pois assinalam quais são os pontos a serem aperfeiçoados e mostram, também, caminhos que podem tornar o percurso mais promissor.

Percebo que as bichas pretas faveladas estão encontrando vida e meios para lidar com as opressões, sem deixar que estas as invisibilizem e aniquilem suas subjetividades, como também construindo suas identidades de forma menos depreciativa. No entanto, é preciso que continuemos atentos às avenidas de opressão e à forma que o sistema nos coloca nesses cruzamentos, para não ficarmos presos em personagens mortos-ainda-vivos.

Deixo nesta pesquisa uma série de interseções a serem exploradas em futuros estudos. Nessa perspectiva, pergunto-me: como abordar interseccionalidade na construção identitária das crianças pretas faveladas? Como abordar a interseccionalidade e a construção identitária nas universidades? Como garantir acesso e permanência das bichas pretas faveladas a lugares que não foram pensados para os nossos corpos? Por fim, como poderíamos contribuir e qual o nosso papel – de psicólogas/psicólogos - no processo de construção identitária das bichas pretas faveladas?

A aposta é que estamos movimentando minimamente uma estrutura opressora, começando pelo ingresso de bichas pretas faveladas nos espaços de intelectualidade, pois os lugares subalternos não nos cabem mais. Nesse sentido, os olhares dominantes

podem até nos intimidar, mas não serão capazes de nos silenciar e nos retirar destes espaços.

Nós, bichas pretas faveladas, devemos falar entre nós, para nos fortalecermos e garantirmos personagens que nos coloquem em lugares humanizados, causando assim, potência em nossa construção identitária. Nossa movimentação para encontrar vida perpassa a concepção de que somos um corpo coletivo, uma luta travada há séculos e que podemos afirmar que estamos ganhando, pois estamos superando e ocupando lugares que nunca foram pensados para os nossos corpos. Estamos encontrando personagens que nos possibilitam viver e outros que nos possibilitam sobreviver.

Finalizo com tamanha felicidade, por ouvir das bichas pretas faveladas que estão se movimentando, não somente para se fazerem resistências mas, sobretudo, estão assumindo a autoria das suas histórias, de seus personagens. Estão abrindo espaços para os corpos marginalizados, bem como nossos ancestrais abriram para nós.

Estamos nos movimentando para identificarmos novos modos de vir-a-ser e existir que nos possibilite vida humana. Por mais que o racismo, a LGBTQIA+fobia e o preconceito territorial/classe nos aniquile, eles falham, “por que tiros não perfuram memórias.” (GONZAGA, 2019, p.328). Aos corpos que se tornaram vítimas desse sistema, fazem-se, hoje, memórias que nos movimentam e constituem quem somos. Somos sementes que reverberam afetos e potências.

Espero também, que esse trabalho potencialize as reflexões das pessoas brancas, heterossexuais e elitizadas sobre as práticas antirracistas, de equidade de gênero e diversidade sexual e relações de poder, pois o racismo, preconceito/discriminação e opressão para serem superados exigem uma constante luta coletiva e o fortalecimento do comum.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro: Polén, 2019.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- CIAMPA, Antônio da Costa. **A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. In: LANE, Silva; CODO, Wanderley (Org.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo, p.58-76, 1989.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, vol. 10, n. 1, p. 171-188. Recuperado em 05 de setembro de 2018 de. Disponível:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100011...>. Acesso em: 05 out. 2020.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- FANON, Frantz. **Pele Negra. Máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. p.194.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder Organização e tradução de Roberto Machado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GONZAGA, Paula Rita Bacellar. **“A gente é muito maior, a gente é um corpo coletivo”**: produções de si e de mundo a partir da ancestralidade, afetividade e intelectualidade de mulheres negras lésbicas e bissexuais. 2019. 347 f. Tese (doutorado) Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2019.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-224.1984.
- HOOKS, bel. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 2019.
- JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W.. Entrevista narrativa. In: BAUER, M.
- LORDE, Audre. **Textos escolhidos de Audre Lorde**. Herética Difusão Lesbofeminista Independente. p. 1-36, 2012.
- PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada da branquitude. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria. A. S. (Org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**.Petrópolis: Vozes, 2014. p.72.
- SAWAIA, Bader. B. **O calor do lugar: segregação urbana e identidade**. São Paulo em Perspectiva, v. 9, n. 2, p. 20-24, 1995.
- SEDGWICK, E.K. **Epistemologia do armário**. Cad. Pagu, v.1, n.28, p.19-54, 2007.
- STOLCKE, Verena. ?Es el sexo para el género como la raza para la etnicidad? **Mientras Tanto**. Enero-febrero, 1992.

“Ghetto black queer”:

intersectional markers in the construction of psychosocial identity

Abstract: This article has as its main objective to discuss, in the field of Critical Social Psychology, the process of identity construction of the 'ghetto black queer' and how they are moving to recognize themselves and keep themselves alive in the face of the

intersectional system of oppression. It was used, as a theoretical basis for this discussion, the concept of identity proposed by Antônio da Costa Ciampa (1986, 1996), and the perspective of intersectionality as a category of analysis of the research object. In addition to the bibliographic research, reports from two black queers were collected, and not necessarily from favelas, Psychology students at a private university. Identified with fictitious names, Vittar and Groove, in order to guarantee of confidentiality. With the account of the black queers, it becomes explicit the urgency of approaching intersectionality in the construction of identity and the strategies used/created by these bodies as a survival and resistance to oppression and invisibility.

Keywords: Identity. Social Psychology. intersectionality. Social markers. Sexual and Gender Diversity.

Recebido: 03/04/2022

Aceito: 25/09/2022